

EDITORIAL

A INTERFACE DO CUIDAR E EDUCAR E A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DE PAZ

Conceição Vieira da Silva Ohara¹, Maria das Graças Barreto da Silva²

As políticas da assistência à infância vêm sendo modificadas no transcorrer do percurso histórico e refletem o valor que a sociedade atribui à criança, repercutindo na maneira como é cuidada. Socialmente valorizada, seu cuidado é baseado em algumas premissas, que destacam que o principal objetivo de todo cuidado é proteger e favorecer seu crescimento e desenvolvimento. Neste sentido, pesquisas em áreas como a psicologia e a neurobiologia, por exemplo, confirmam amplamente a importância das experiências dos primeiros anos de vida no desenvolvimento da criança, o que torna imprescindível o conhecimento desses processos para que ela possa ser adequadamente cuidada, seja no lar, na creche, na escola e nos diversos equipamentos de atendimento à saúde e educação⁽¹⁾.

Faz-se necessário ressaltar que o modelo de atenção proposto pelo Ministério da Saúde – MS, nos últimos anos, tem privilegiado a reorientação da organização dos serviços de atenção básica, com enfoque na promoção e prevenção, buscando romper com a hegemonia do cuidado de cunho curativo, centrado na atenção hospitalar. A atenção básica, orienta-se pelos princípios e conceitos do Sistema Único de Saúde – SUS e caracteriza-se por um conjunto de ações de saúde de âmbito individual e coletivo. Em 1984, o MS, ao implantar o “Programa de Assistência Integral à Saúde da Criança” – PAISC, objetiva direcionar as ações de saúde prestadas à criança de 0 a 5 anos de idade para um enfoque preventivo. Dentre as cinco ações básicas preconizadas, enfatiza a importância da monitorização sistemática dos processos de crescimento e desenvolvimento da criança por meio de instrumentos apropriados, considerando-a *o eixo integrador de todas as ações básicas*. Destaca-se também, a Puericultura que se realiza com forte componente de educação recíproca entre crianças, seus familiares, equipe multiprofissional, além da participação da comunidade. Por meio dela, busca-se assegurar o desenvolvimento da criança e do adolescente, em seus aspectos biológicos, psicológicos, socioculturais e espirituais, com perspectiva a promover saúde, prevenir doença e favorecer a qualidade de vida.

Atualmente, a elevada demanda na primeira infância por cuidado e educação no âmbito institucional é incitada por números cada vez mais altos de mulheres no mercado de trabalho, abrindo um debate sobre a concepção de cuidado. Nesta perspectiva, a dimensão do cuidado torna-se complexa, por envolver o cuidado integral de bebês e crianças pequenas em parceria com a família. Tradicionalmente o cuidado da criança pequena é responsabilidade exclusiva da família, ao ser compartilhado com as instituições de educação infantil, solicita a parceria da área da saúde, trazendo a necessidade de revisão da organização dos serviços institucionais como as creches, delineando-se um novo perfil de profissionais para o cuidar e educar. Neste cenário, um novo paradigma emerge e sua construção necessita da mobilização integrada, em equipe multidisciplinar que contribua com ações efetivas para “minimizar” a dicotomia entre cuidar e educar, além de produzir e disseminar conhecimento⁽²⁾.

¹ Professora da Disciplina de Puericultura e Pediatria Social-Vice Chefe do Departamento de Enfermagem Pediátrica - Escola Paulista de Enfermagem. Líder do Grupo de Estudo em Puericultura – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP / CNPq). Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras - SOBEP, São Paulo (SP), Brasil. E-mail: c.silva27@unifesp.br

² Professora da Disciplina de Puericultura e Pediatria Social -Departamento de Enfermagem Pediátrica - Escola Paulista de Enfermagem. Líder do Grupo de Estudo em Puericultura – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP / CNPq). E-mail: silva.barreto@unifesp.br

De modo especial, é fundamental que o enfermeiro exerça papel ativo nessa construção coletiva com os pares e a equipe da unidade educacional, por ter o domínio de saberes culturais e científicos que resultam de reflexões, pesquisas e experiências de vários anos em busca de articular a teoria e a prática.

Com a finalidade de reduzir a morbidade e mortalidade de crianças e adolescentes e visando a atuar sobre fatores de risco e de proteção, o grande desafio passa também pela promoção da cultura da paz.

O Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-Violência foi esboçado por um grupo de laureados pelo prêmio Nobel da Paz e assinado por milhões de pessoas em todo o mundo, que se comprometeram a agir no espírito da Cultura de Paz dentro de suas famílias, em seu trabalho e em suas cidades. Tornando-se, assim, mensageiros da tolerância, da solidariedade e do diálogo. Em ressonância, a Assembléia Geral das Nações Unidas (UNESCO) declarou o período de 2001 a 2010 a “*Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo*”, dando início a uma mobilização mundial, em busca de ratificar uma aliança global, a fim de transformar os princípios norteadores da cultura de paz em ações concretas. Com o fim da década, o balanço efetuado aponta para conquistas importantes. Indicando avanços na construção do conceito de cultura de paz e indagações em como realizá-la, enfatiza que não podemos ignorar a força construtiva do cotidiano. Ressalta ainda que talvez o sonho de uma Cultura de Paz esteja muito próximo, repousando na natureza essencialmente generosa e criativa do ser humano, que simplesmente anseia por uma pausa, um espaço de acolhimento, de cuidado, expressão e partilha⁽³⁾.

Neste contexto, destaca-se a educação como forma de conscientização, mobilização e prevenção em todos os níveis sociais e as crianças como sujeitos que podem transportar a paz do patamar imaginação para a realidade, ao serem cuidadas com amorosidade, o que favorece desdobramentos posteriores. Em consonância salienta-se que:

“Observar a relação mãe-bebê é tão fundamental quanto alimentar, pois a saúde psíquica do adulto resulta em grande parte deste vínculo primordial”⁽⁴⁾.

E, por fim, considerando a responsabilidade social da academia e o compromisso do Grupo de Estudo em Puericultura da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP/ CNPq), com a formação dos profissionais da saúde e educação, desejosos para contribuir à formulação de políticas públicas, é que se realizou em setembro de 2010, o *I Simpósio do Grupo de Estudo em Puericultura*, com a temática: *Caminhos do Cuidar e Educar da Infância à Adolescência em Direção à Cultura de Paz*. Com o objetivo de discutir os caminhos que vêm sendo percorridos pelos setores da saúde e educação ao cuidar e educar nas diferentes faixas da infância e promover a troca de experiências entre profissionais, pesquisadores, educadores e estudantes em uma perspectiva de cultura de paz. Para esse evento, contou-se com a presença de conferencistas renomados, atuantes nas áreas afins, que se identificam com a interface do cuidar/educar, envolvidos com a construção da cultura da paz, seja no cuidado cotidiano, no ensino, na pesquisa e/ou na extensão.

REFERÊNCIAS

- 1- Ohara CVS, Silva MGB. Grupo de Estudo em Puericultura: contribuição para pesquisa, ensino e assistência. Conferência de abertura do I Simpósio do Grupo de Estudo em Puericultura: Caminhos do cuidar e educar da infância à adolescência em direção à cultura de paz; 2010 set 22 – 25; São Paulo. Anais Eletrônico. São Paulo: Disciplina de Enfermagem Pediátrica - Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP. 2010.

- 2- Silva MGB. Desenvolvimento neuropsicomotor: pré-requisito para o cuidar/educar. Mesa redonda: Saberes e Ações para o cuidar e educar do I Simpósio do Grupo de Estudo em Puericultura: Caminhos do cuidar e educar da infância à adolescência em direção à cultura de paz; 2010 set 22 – 25; São Paulo. Anais Eletrônico. São Paulo: Disciplina de Enfermagem Pediátrica - Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP. 2010.
- 3- UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Brasília. Cultura de paz: da reflexão à ação. Balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo. (Coord) Diskin L, Noleto MJ. São Paulo: Associação Palas Athena, 2010, p.256.
- 4- Murahovsnchi J. Uma nova pediatria para crianças que vão viver 100 anos ou mais: a puericultura como ciência e arte em transição. *Pediatria*, São Paulo. 2006; 28(4): 286-8.